

## **Sobre a importância da mediação do professor no processo do ensino-aprendizagem com crianças com deficiência intelectual (DI)**

**(The importance of mediation of the teacher in the process of teaching and learning with children with intellectual disabilities (ID))**

**Vânia Aparecida Duque Benevides<sup>1</sup>; Rodrigo dos Santos<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> (G) Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP  
va-benevides@bol.com.br

<sup>2</sup> (O) Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP  
rsosantos@unifafibe.com.br

**Abstract.** *Human beings are social by nature, he lives in society, so live with diversity. As the relationship of the very complex human, it is necessary that society change the idea of the people with special needs, ie not see them as a problem but rather that there are different people from one another. The teacher who has in his office a child with special needs will be faced with a challenge. It is up to him to propose teaching strategies, develop a methodology to help this child to have a good development in the teaching- learning process. This paper analyzes the importance of mediation of the teacher in the teaching learning with children with intellectual deficiency (ID).*

**Keywords:** *Learning, Intellectual Deficiency, Inclusion and Evaluation*

**Resumo.** *O ser humano é social por natureza, ele vive em sociedade, portanto, convive com as diversidades. Assim sendo, a relação do ser humano é muito complexa, é preciso que a sociedade mude a ideia sobre as pessoas com necessidades especiais, isto é não vê-las como um problema e sim que existem pessoas diferentes uma das outras. O professor que tiver em sua sala uma criança com necessidades especiais estará diante de um desafio. Cabe a ele propor estratégias pedagógicas, desenvolver uma metodologia que ajude esta criança a ter um bom desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem. Este trabalho analisa a importância da mediação do professor no processo de ensino aprendizagem com crianças com deficiência intelectual (DI).*

**Palavras-chave.** *Aprendizagem, Deficiência Intelectual, Inclusão e Avaliação.*

## 1. Introdução

Este artigo procura analisar a importância da mediação do professor no processo de ensino-aprendizado e no desenvolvimento infantil com alunos com Deficiências Intelectuais (DI), como o professor pode trabalhar com crianças com necessidades especiais. Destaca-se que o professor possui papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem de crianças portadoras de necessidades especiais, como as crianças com DI, que necessitam, constantemente, da intervenção do professor como um elemento facilitador da aquisição do conhecimento.

Este trabalho possui o objetivo de analisar como o professor pode utilizar estratégias pedagógicas que melhorem o processo de aprendizagem da criança. Afirma-se que o processo de inclusão requer mudanças através de uma quebra de barreiras no processo de aprendizagem.

A etapa de avaliação também é uma forma de acompanhar o desenvolvimento da criança, pois é um processo de ação e reflexão. Sendo assim, o professor pode acompanhar o processo de desenvolvimento, pois é através da avaliação, que o professor analisa as habilidades e dificuldades desta criança.

Este artigo fundamenta sua metodologia na revisão e discussão bibliográfica (GRISI, 1971; FREIRE, 1996; HOFFMANN, 2008; MANTOAN, 2001; MILANEZ, 2008; MITLLER, 2003; OLIVEIRA 2008, PERRENOUD, 1998; VYGOTSKY, 1998) sobre o processo de ensino-aprendizagem de crianças com deficiência intelectual.

Este artigo conclui que a inclusão de crianças com DI requer a participação do aluno, dos professores, da escola e da família. Destaca-se que a intervenção do professor pode possibilitar o melhor desenvolvimento nas habilidades e competências.

## 2 Crianças com deficiência intelectual

A deficiência pode ser considerada uma limitação ou dificuldade na estrutura psicológica, fisiológica ou anatômica, permanente ou temporária, observada no indivíduo. Fatores orgânicos podem ser a causa da deficiência intelectual como malformação, lesões (congenitas ou adquiridas). Além das causas orgânicas, é importante considerar o fator

ambiental,mas em vários estudos a deficiência é considerada uma condição do indivíduo,caracterizada por suas limitações.No entanto, vale lembrar que não é porque o indivíduo tem dificuldade ou limitações que ele é deficiente. Ele deve ser avaliado para que a deficiência seja diagnosticada (OMOTE; 2008).

Segundo Milanez (2008), a DI se caracteriza como uma incapacidade no funcionamento intelectual e no funcionamento adaptativo das habilidades, e ocorre antes dos dezoito anos de idade.

Existem vários fatores que podem desencadear a DI: fatores de risco e causas pré-natais,fatores genéticos,doenças causadas por vírus,fatores ambientais,intoxicação, traumatismos obstétricos,prematuridade e, até mesmo, causas desconhecidas (MILANEZ, 2008).

Muitos estudiosos sobre o tema retratam que o ser humano deve ser preservado em sua integridade,reconhecendo a interação entre a cognição e o afeto importante para um bom desenvolvimento. Por isso, é necessário que haja apoiode indivíduos de diferentes segmentos da sociedade (família, escola, comunidade) para que o desenvolvimento da criança com DIocorra como resultado do processo de interação e mediação.

De acordo comVygotsky, a noção de zona de desenvolvimento proximal(ZDP) pode auxiliar no desenvolvimentode crianças com DI.

A ZDP provê psicólogos e educadores de um instrumento através do qual se pode entender o curso interno do desenvolvimento. Usando esse método podemos dar conta não somente dos ciclos e processos de maturação que já foram completados,como também daqueles processos que estão em estado de formação,ou seja,que estão apenas começando a amadurecer e se desenvolver(VYGOTSKY,1998,p.113)

A zona de desenvolvimento proximal pode auxiliar no desenvolvimento de crianças com deficiência intelectual (DI), pois as crianças estão em processo de desenvolvimento e amadurecimento o tempo todo, utilização da zona de desenvolvimento proximal (ZDP)é importante tanto pelos profissionais da educação quanto da saúde,pois ela atua não só no processo de maturação existente, mas também nos que estão em formação.

Assim, os conceitos de ZDR e de ZDP são importantes nas pesquisas sobre o desenvolvimento, pois são eficientesdurante o diagnóstico do desenvolvimento mental e das dificuldades na aprendizagem(VYGOTSKY, 1998).

Neste contexto, inclusive o papel da imitação deve ser considerado, uma vez que, ao ser avaliado o desenvolvimento mental do indivíduo, são consideradas somente as soluções

para os problemas que a criança consegue resolver sozinha (sem a ajuda de outra pessoa, sem nenhum tipo de pista). Para os profissionais da psicologia, o indivíduo só consegue imitar aquilo que está no seu nível de desenvolvimento proximal (VYGOTSKY, 1998).

A realidade social tem suas diversidades. Os homens não são totalmente iguais uns aos outros. Os homens se relacionam qualitativamente e quantitativamente na sociedade é uma construção sociocultural, o indivíduo não nasce da natureza, ele se constrói (BRASIL, 2001). Assim, a diversidade existente entre os homens advém da transformação a que eles estão expostos devido à interação com a sociedade, a cultura e o meio em que vivem. As pessoas são umas diferentes das outras. É um processo natural, pois elas vão se construindo em sociedade.

Os problemas relacionados às necessidades especiais são complexos e sensíveis às concepções imediatistas dos indivíduos pouco preparados. Isso pode ocasionar muitos equívocos relacionados a vários termos ou definições, pois não se tem noção da verdadeira realidade das pessoas portadoras de necessidades especiais, uma vez que cada indivíduo tem sua característica, adversas umas das outras, e a pessoa com algum tipo de grau de deficiência possui sinais mais visíveis.

O termo DI deve ser utilizado quando há um déficit no intelecto, um transtorno de conhecimento que começa na infância do indivíduo, no período de desenvolvimento, com dificuldades na adaptação e na evolução cognitiva.

O aluno com deficiência deve pertencer ao ambiente escolar. A escola deve ter uma educação voltada para as habilidades da criança e não deve exaltar suas dificuldades. Para que seu aprendizado se torne melhor, deve-se oferecer um tempo maior de aplicação de atividades que o levem a construir o seu conhecimento. O professor, por sua vez, deve “não apenas permitir, mas provocar a intervenção ativa dos alunos e, principalmente, a manifestação de suas dúvidas e dificuldades”, pois, “se as perguntas e apartes da classe interrompem o fio discursivo das ideias do professor, também servem para patentear suas deficiências didáticas.” (GRISI, 1971, p.15)

As leis que regem o desenvolvimento da pessoa com DI, segundo Vygotsky (1989), são as mesmas que regem o desenvolvimento das demais pessoas, inclusive durante os processos educacionais. Assim, a criança que teve o seu desenvolvimento comprometido por alguma deficiência não é menos capaz que outra criança considerada normal pela sociedade, ela apenas se desenvolve de outra forma.

Para que a DI seja confirmada na criança, é necessário que se realize um diagnóstico clínico, pois a DI tem aspectos de incapacidade ou limitações no funcionamento intelectual e

no funcionamento adaptativo. Assim, o atraso cognitivo é diagnosticado analisando a capacidade cerebral do indivíduo. É observada a capacidade intelectual da criança, que inclui ações tais como aprender, pensar e resolver problemas. Também são analisados: o comportamento de adaptação, a capacidade de independência e autonomia, o desempenho nas atividades do dia a dia, bem como a forma que a criança se relaciona em sociedade (MILANEZ, 2008).

De acordo com Milanez (2008), o funcionamento intelectual é localizado na área cognitiva. Alguns alunos com DI podem apresentar dificuldades na aprendizagem de conceitos abstratos, tendo dificuldade para imaginar ou memorizar situações para resolver problemas e para raciocinar, o que gera muita dependência. Os alunos com DI podem atingir os objetivos, como as crianças consideradas normais, porém, em algumas situações, não consegue fazer uma relação com o que ela aprendeu.

No funcionamento adaptativo, essas crianças não são independentes, pelo contrário, há muita dependência, pois a criança com DI não possui responsabilidade social, tem dificuldade para entender certos termos, para se posicionar diante das situações e para ter autonomia. Mesmo em grupos formados por crianças menores, é muito dependente do grupo. Na comunicação, ela não consegue transmitir as suas vontades, o que acarreta uma maior dificuldade em suas relações sociais (MILANEZ, 2008).

É necessário que haja uma série de sinais associados no diagnóstico da DI. Uma única característica não pode ser diagnosticada como indicativo de qualquer deficiência. Em muitos casos, o diagnóstico é relacionado a possíveis atrasos do desenvolvimento neuropsicomotor (a criança demora a sentar, andar, falar, e assim por diante) e na dificuldade no aprendizado e na compreensão de regras, o que prejudica o aprendizado na escola.

Para diagnosticar de modo adequado a DI, é necessária uma equipe de profissionais aptos a trabalhar com esses indivíduos de uma maneira integrada. Com a ajuda destes profissionais e da família, fica bem mais fácil entender a criança e entender suas necessidades. Sendo assim, a família pode cooperar no tratamento, pois a ajuda da família é muito importante no processo de aprendizagem de crianças com DI.

Nas áreas do funcionamento adaptativo, o diagnóstico observa as limitações nas áreas da comunicação, habilidades acadêmicas e sociais, lazer, saúde, no dia a dia e assim por diante. No funcionamento intelectual, é determinado pelo teste de Quociente de Inteligência – o funcionamento intelectual é classificado como baixo quando o QI é 70 ou menor, podendo variar de indivíduo para indivíduo. Crianças com DI tem características mais visíveis no

funcionamento adaptativo ao invés de QI baixo, pois mostram dificuldades como em enfrentar as adversidades comuns do dia a dia, se tornando dependentes de outras pessoas ou grupos (MILANEZ, 2008).

O aluno com DI possui dificuldades para construir e desenvolver seus conhecimentos e demonstrar suas capacidades cognitivas, principalmente se a escola possuir metodologias tradicionais. A escola deve ser diversificada para todos, conforme a realidade que se apresenta, ou seja, ela deve se adequar às possibilidades e dificuldades de cada aluno, dando-lhes apoio no processo de construção e de desenvolvimento.

O aspecto essencial do aprendizado proposto por Vygotsky.

[...] é o fato de que ele cria a ZDP; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com as pessoas ao seu ambiente e quando a cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente de crianças (VYGOTSKY, 1998, p.118).

Assim, Vygotsky (1998) retrata que o processo de aprendizado na ZDP desperta o desenvolvimento da criança somente quando ela interage com outras pessoas no seu meio e quando há cooperação das pessoas ao redor dela, uma vez que a criança que entra em processo de interação se torna independente no processo de desenvolvimento.

Desse modo, o trabalho conjunto e a compreensão dos alunos mais experientes ajudam a possibilitar que os indivíduos com necessidades especiais construam novas aprendizagens, superando as dificuldades.

A criança com necessidades especiais não se desenvolve sozinha, a escola e os professores tem um grande desafio a enfrentar, pois os caminhos a seguir são de superações e limitações impostas pela deficiência.

Para Vygotsky (1989), proporcionar à criança aspectos pedagógicos com base na compensação, não proporciona a cura da deficiência, mas possibilita formas que possam contribuir para o desenvolvimento das áreas potenciais.

Portanto, o desenvolvimento da criança com DI está relacionado com possibilidades de compensação de seu déficit através da interação social, ou seja, não é um processo espontâneo, mas, sim, de mediação.

### **3 Inclusão escolar de crianças com deficiência intelectual**

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), a inclusão é constituída de uma proposta politicamente correta, que demonstra valores importantes e condiz com a igualdade de direitos e oportunidade de uma educação para todos em um ambiente que favoreça uma boa aprendizagem ao indivíduo.

A Educação Inclusiva exige mudanças nas escolas e nas práticas pedagógicas, com o objetivo de atender a todas as diversidades que existem. É necessário que a escola se proponha a lidar com as diferenças. ADI exige processos de ensino diferenciados para que o aluno garanta uma boa aprendizagem, na maioria das vezes, requer estratégias mais elaboradas (OLIVEIRA, 2008).

Propor uma educação inclusiva requer novas possibilidades de organização no dia a dia escolar, ou seja, pensar em um projeto pedagógico mais flexível, aberto a mudanças, dinâmico, que busque novas relações educativas.

Segundo Oliveira (2008), a Educação Inclusiva é restrita na rede do sistema educacional comum. Muitas vezes, precisa-se de uma rede de suporte ao aluno, não apenas na inclusão, mas sim no ambiente escolar, na participação no dia a dia dele na sala de aula.

A Educação Inclusiva, que tem sido implantada há alguns anos, vem mostrando erros que ocorrem no atendimento de crianças com necessidades especiais (na maior parte crianças com DI), pois o diagnóstico é complexo e difícil de ser observado. Na educação inclusiva, o aluno deve ser inserido em salas de aula comuns, deve haver ajustes nos conteúdos e na metodologia para garantir os seus objetivos.

Segundo Oliveira (2008), a proposta da educação inclusiva deve atender a toda e qualquer tipo de necessidade especial, entre as quais a DI. Na construção de um sistema inclusivo, deve-se reconhecer a autonomia da escola, que pode mudar para garantir uma melhor aprendizagem, por exemplo, inserindo modificações e adequações ao currículo e fornecendo suporte pedagógico especializado para acompanhar o processo de inclusão do aluno.

A Educação Inclusiva requer a derrubada de várias barreiras que impedem o processo de aprendizagem e a participação dos indivíduos, pois as adversidades culturais, individuais e econômicas existem, mas isto não pode ser pretexto para se transformarem em desigualdades na educação, ou seja, a Educação Inclusiva deve ser o centro de melhoria nas condições no processo de ensino-aprendizagem. Mas a educação inclusiva não deve ser vista como uma solução de todos os problemas e sim ser encarada como um desafio que exige mudanças nas

áreas pedagógicas, na escola, buscando meios para que as diferenças se tornem um passo para mudanças.

O aluno tem direito de ser incluído na escola e na sociedade, diante desta perspectiva, inserir uma criança com necessidades especiais exige que o professor domine o conhecimento e os métodos tecnológicos a fim de facilitar ao aluno, independentemente de suas condições de aprendizagem.

De acordo com Mittler (2003), os professores sabem muito pouco sobre crianças com necessidades especiais e também sobre como incluí-las na escola:

Muitos de nós, envolvidos na educação de professores de necessidades especiais, parecem ter assumido que os professores das escolas regulares sabem pouco ou nada sobre crianças com necessidades especiais ou sobre como incluí-las em escolas regulares (MITLLER, 2003, p.184).

Para Perrenoud :

[...] dominar os saberes a serem ensinados, serem capazes de dar aulas, de administrarem turmas e de avaliarem [...] o ofício do professor consiste também, por exemplo, em administrar a progressão das aprendizagens ou em envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho (PERRENOUD, 2000, p.13).

O professor, perante a sua competência, deve se adequar as situações de aprendizagem repensando sua metodologia, adequando-se a elas. É necessário que o professor se envolva com seus alunos, buscando melhorar cada vez mais sua forma de ministrar as aulas, estabelecendo na sala de aula um clima de harmonia e cooperação, que possibilite o desenvolvimento do aluno com DI, sem tratá-lo de maneira diferente, não há necessidade de preparar uma aula diferenciada para aquele aluno com necessidades especiais, ou seja, ele pode adaptar atividades para atingir o objetivo com todos, independentemente de suas possibilidades intelectuais.

Segundo Oliveira (2008), a Educação Inclusiva poderá significar uma nova possibilidade de reorganizar o ambiente escolar, ou seja, aprender a lidar com as diferenças, podendo a escola envolver a comunidade na busca de soluções para as dificuldades do dia a dia, o que irá exigir postura interdisciplinar e ações em vários setores em função das necessidades educacionais especiais.

A inclusão de crianças com necessidades especiais em sala comum exige da escola que ela se organize de modo que possibilite ao aluno condições de aprendizagem. O conceito de educação inclusiva gera mudanças significativas, pois, ao invés de ver o aluno com

necessidades especiais como um problema, exigindo dele que se ajuste aos padrões da normalidade para aprender com as demais crianças, propõe à escola o desafio de construir condições para atender as crianças com necessidades especiais (BRASIL, 2001).

Certamente, esse construir juntos necessita de disposição para trabalhar de maneira integrada, no processo de mudança da gestão escolar e da prática pedagógica, ou seja, este processo também deve ser inclusivo (BRASIL, 2001).

Há algum tempo, o diferente foi exposto à margem do sistema educacional. A criança com necessidades especiais era atendida separadamente ou então excluída do ensino, referente aos padrões normais. Nas últimas décadas, o Ministério da Educação está se dedicando para que toda criança esteja na escola, assegurando educação para todos. O Ministério da Educação inclui neste processo as Diretrizes Nacionais para a Educação Básica (Resolução n. 02 de 2001), da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que determina maior atenção à diversidade nas escolas como forma de inclusão escolar (BRASIL, 2001).

#### **4 Avaliação escolar com crianças com necessidades especiais**

A avaliação é um movimento de ação e reflexão, assim sendo, a criança, quando está realizando uma atividade, pode refletir sobre suas ações estabelecendo hipóteses e discussões. A ação avaliativa vem acompanhada da reflexão e precisa de uma metodologia (HOFFMANN, 2008).

A avaliação é reflexão transformada em ação. Ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade, e acompanhamento de todos os passos do educando na sua trajetória de construção do conhecimento. Um processo interativo, através do qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmos e sobre a realidade escolar no ato próprio da avaliação. (HOFFMANN, 2008, p.17)

Para o autor a avaliação é uma reflexão que é transformada em ação, e, nesta ação, abre caminhos para novas reflexões e sobre esta ação o professor pode acompanhar o aluno no caminho do seu processo de desenvolvimento, observando suas dificuldades e como ele está se desenvolvendo.

A avaliação pedagógica é vista como um processo dinâmico que visa tanto o conhecimento atual e prévio de desenvolvimento da criança quanto as possibilidades de aprendizagem. A avaliação pedagógica mostra a ação pedagógica e formal que analisa o

desempenho das crianças, visando ver se o aluno está tendo progresso individual, com a ajuda do educador. No processo de avaliação o educador deve inserir estratégias considerando que alguns alunos precisam de mais tempo para realizar as atividades (BRASIL, 2001).

As atividades que as crianças com DI desenvolvem dentro da sala de aula podem ser adaptadas, através da adequação do currículo, conforme orientado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, ou seja, a avaliação pode ser realizada conforme o conhecimento e capacidade da criança. Mais do que competências é preciso que o educador saiba como avaliar a criança, respeitando suas limitações. Desta forma é possível descobrir quais as habilidades e dificuldades que a criança possui, levando em consideração até onde ele conseguiu alcançar nas disciplinas, toda atividade deve ser levada em conta (BRASIL, 2001).

De acordo com Milanez(2008), existe uma certa dificuldade em avaliar a criança com DI, pois ela deve ser analisada nas formas de conhecimento. A avaliação dos alunos com DI é a mesma dos demais alunos. Entretanto, deve haver reconhecimento da criança por parte dos conteúdos, no desenvolvimento das habilidades e competências para sua série. O que a diferencia dos demais alunos está na forma com que as atividades são expostas, pois deve se garantir que as atividades possam ser adaptadas quando necessário, para poder preencher as necessidades que são impostas pela deficiência. No caso da DI, é a forma com que é planejada as atividades pedagógicas, garantindo uma boa comunicação associada às experiências do aluno, utilizando exemplos concretos com praticidade que o ajudem a chegar a conclusões na aprendizagem. Neste percurso é que o professor irá avaliá-lo perante o conteúdo que lhe é proposto, ou seja, verificar o resultado final das atividades não é garantia de que o professor saiba todas as informações necessárias, o que é mais importante é avaliar até onde o aluno progrediu e que o professor crie novas estratégias para que o aluno não pare de progredir. A avaliação deve ser vista deste modo.

Segundo Hoffmann(2008), o professor pode utilizar vários instrumentos de avaliação como observar individualmente e coletivamente, fazer anotações diariamente, fazer relatórios e nelas conter observações de todas as estratégias, portfólios com todas as atividades. Sendo assim, o professor deve registrar todas as atividades realizadas. Isto ajuda muito os pais e professores a entender a evolução com que o aluno foi se desenvolvendo, avaliando desde as dificuldades até o desenvolvimento, passo a passo, o que ajuda bastante no processo de ensino-aprendizagem.

Para Mantoan (2001, p.71) é necessário a interação incentivadas através de uma lógica de ação que permita o alcance de conhecimento: “A ação sobre os objetos e a interação social

foram incentivadas para que a partir de uma lógica das ações se pudesse chegar a uma lógica de pensamento, a nível das possibilidades de cada um dos sujeitos”.

O trabalho do professor deve sempre estar ligado por um processo de reflexão-ação-reflexão, tarefa cada vez mais difícil, pois é necessário que o professor prepare suas aulas e reflita sobre ela, ter bem em evidência os objetivos que almeja com as atividades propostas.

O aluno tem direito de ser incluído na escola e na sociedade, diante desta perspectiva inserir uma criança com necessidades especiais exige que o professor domine o conhecimento, metodologias a fim de facilitar ao aluno independente de suas condições de aprendizagem.

Ao falar de crianças portadoras de necessidades especiais cabe ao professor fazer com que os alunos participem das atividades propostas, se houver alguma necessidade de mudança, ela deve ser feita para que todos alcancem o objetivo esperado.

Como o processo e os resultados da avaliação podem facilmente se tornar instrumentos de exclusão, é importante para as escolas desenvolverem políticas de avaliação e práticas que evitem tal perigo e que ajudem a promover total acesso e participação nas experiências de aprendizagem oferecidas por elas (MITLLER, 2003, p.167).

Assim, para o autor, a avaliação deve ser feita com cuidado para que não haja exclusão, ao invés de inclusão. As escolas devem elaborar políticas de avaliação para que isto não ocorra.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), a avaliação educativa é um processo muito importante no processo educacional. O professor deve nortear decisões pedagógicas, podendo exercer um papel necessário às adaptações curriculares desde os aspectos de desenvolvimento até o nível de competência curricular, o estilo de aprendizagem. Ou seja, estratégias pedagógicas, motivação, contexto de aula, como por exemplo, a atuação do professor, a metodologia e assim por diante.

## **5 A importância da mediação do professor no processo de ensino-aprendizagem**

O ser humano é social por natureza, desde o nascimento vivemos em sociedade fazendo parte de grupos de pessoas das mais diversificadas culturas. Devido a esta convivência ao decorrer de nossas vidas, interagimos uns com os outros construindo assim a nossa personalidade.

A relação humana é complexa e uma peça importante na realização das mudanças em níveis profissionais e comportamentais, sendo assim, como não citar a relação entre o professor e o aluno. Cada professor tem sua metodologia, desempenho e comportamento no ambiente de trabalho.

O professor ensina sempre, quando quer e quando não quer; ensina o que deve ou deseja e o que não deseja ou nem deve. É uma ilusão pensar que ele só ensina quando dirige a palavra aos alunos, quando se esforça por expor ou explicar matéria, quando tem a intenção de fazê-lo, quando, com muito intuito, lança mão da palavra (GRISI, 1971, p.9).

Para o autor, o professor deve provocar a intervenção ativa dos alunos, principalmente, através da manifestação de suas dúvidas e dificuldades. As perguntas e apartes da classe servem para patentear suas deficiências didáticas, mesmo quando interrompem as ideias discursivas do professor (GRISI, 1971).

Seja qual for o objetivo da aula ou atividade em si, o professor deve planejar suas aulas para que seus objetivos sejam realmente alcançados. Atente-se que a sala de aula não é somente um local para transmitir conteúdos e sim, também, um lugar de aprendizado, de valores e de comportamentos que podem fazer com que o aluno interprete e se transforme em sociedade.

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-humorado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio burocrático, racionalista, nenhum passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p.73).

Os alunos sempre observam os seus professores no seu comportamento, suas atitudes, a forma com que o professor atua em suas aulas. Sendo assim, o aluno levará consigo as experiências dos seus professores. Para Vygotsky (1998) o aprender é mais do que adquirir uma capacidade para pensar, é adquirir muitas capacidades para pensar sobre várias coisas, para chegar até um bom desenvolvimento.

O professor que tiver em sua sala de aula alunos com qualquer tipo de necessidade especial estará diante de uma situação desafiadora. Para ter bons resultados, o professor deve encorajar a criança, a ser paciente, apresentar sugestões positivas, enfatizar o companheirismo entre os alunos, oferecendo segurança. Desta forma, o professor deve procurar aptidões trazendo a eles autoconfiança e estímulo.

Vygotsky (1998) estabelece a conexão entre o desenvolvimento e aprendizagem através da zona de desenvolvimento proximal (ZDP). A ZDP é um espaço dinâmico entre os problemas que a criança consegue resolver sozinha e os que ela precisa de ajuda de outra pessoa para resolver:

Desse ponto de vista,aprendizado não é desenvolvimento, entretanto,o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma,seriam impossíveis de acontecer.Assim,o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas (VYGOTSKY,1998, p.118).

As crianças com DI possuem características e ritmo próprio de aprendizagem. Desta forma, elas necessitam de pessoas ao seu redor como professores e familiares que acreditem em seus potenciais e capacidades. Quando estimuladas e incentivadas, as crianças com DI nos mostram aprendizagens e desenvolvimentos com resultados surpreendentes.

O professor que trabalha a partir das representações dos alunos tenta reencontrar a memória do tempo em que ainda não sabia colocar-se no lugar dos aprendizes, lembrar-se de que, se não compreendem, não é por falta de vontade, mas porque o que é evidente para os especialistas parece opção e arbitrário para os aprendizes (PERRENOUD,2000,p.29).

Para o autor, as crianças trabalham através de representações para encontrarem a memória do tempo, o professor deve se colocar no lugar de seu aluno para que possa entender que seu aluno não compreende não é por falta de atenção, é por dificuldade. Os professores tem a responsabilidade no ambiente escolar e no desenvolvimento dos alunos através da mediação e da interação. Desta forma, o professor deve sempre observar e investigar o conhecimento que seu aluno trás com ele, o professor intervindo organizando tal conhecimento.

O conceito criado por Vygotsky conhecido como ZDP traz para a metodologia de trabalho a mediação. Este conceito é caracterizado como o espaço de trabalho em que a pessoa pode ampliar seus conhecimentos. Para isso, é importante reconhecer o que o outro pode realizar sem a ajuda de terceiros,denominada zona de desenvolvimento real (ZDR). O objetivo é que a zona de desenvolvimento potencial(ZDP) possa, mais tarde, ser realizada na zona de desenvolvimento real(ZDR), buscando autonomia na atuação do indivíduo. Assim sendo, a zona de desenvolvimento proximal(ZDP) é considerada tanto instrumento como

resultado, pois leva o indivíduo para o desenvolvimento do conhecimento envolvendo a construção e desenvolvimento do outro.

A Zona de Desenvolvimento Proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY,1998,p.112).

Para Vygotsky (1998), nossa mente tem estrutura em três níveis de desenvolvimento: a ZDR, que é o que a criança ou indivíduo sabe até aquele determinado momento; a ZDP, onde o professor deve trabalhar. É necessário que ele faça seu trabalho utilizando várias formas de metodologia, provocando a criança, trabalhando com hipóteses, interagindo, fazendo mediação. O professor deve fazer com que a criança pense, trabalhando a cognição dela. No caso de crianças com DI, que tem um déficit na cognição, o professor deve de ter uma atenção especial, insistindo, pois ele tem um papel importante no processo de ensino-aprendizagem, fazendo com a criança chegue até a ZDR.

Desse modo, não basta que haja informações e discussões teóricas. Se não houver interesse pela parte dos professores, da escola, da família e da sociedade em geral, a inclusão não ocorrerá de fato, pois ela requer atitude e mudança por parte de todos (BRASIL, 2001).

Assim, para que a inclusão realmente aconteça, várias modificações no contexto da educação devem ocorrer. Uma delas é a necessidade da discussão da importância dos conteúdos específicos, que falam sobre a temática da deficiência e do indivíduo em si. Buscando atuar sobre essa necessidade, o Plano Educacional de Educação (BRASIL, 2001) propõe a introdução de uma disciplina específica sobre a temática da Educação Especial.

## **6 Considerações finais**

Conclui-se que o papel do professor é de fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem tanto com crianças consideradas normais quanto com as crianças com necessidades especiais, retratadas neste artigo. Apesar das dificuldades que o professor pode encontrar em seu percurso, ele pode elaborar estratégias para permitir que o aluno que possui necessidades especiais consiga ter um bom desenvolvimento.

A avaliação bem realizada também pode ajudar o aluno alcançar bons resultados, mas para isso é necessário que ela seja aplicada da maneira apropriada, ou seja, for uma ação

transformada em reflexão,impulsionando várias outras reflexões,isso possibilita que o professor acompanhe o desenvolvimento desta criança,analisando suas dificuldades e suas habilidades, podendo assim fazer um bom trabalho.

O processo de inclusão com crianças que possuem necessidades especiais é muito importante. A escola deve se organizar para receber estas crianças de uma forma que haja respeito e condições de um bom desenvolvimento, pois saber lidar com as diferenças é essencial.

Assim quebrar barreiras,desenvolver mudanças pedagógicas para que o aluno com necessidades especiais consiga ter um bom desempenho,assim como os demais alunos que são considerados “normais”.

## 7 Referências

- BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares: estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais** - Secretaria de Educação Fundamental.Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEF/SEESP,1998. Disponível em: <http://www.conteudoescola.com.br/pcn-esp.pdf>. Acesso em 03/09/2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Nacionais para Educação especial na Educação Básica**. Brasília, 2001. Disponível em: [portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf). Acesso em 05/10/2015.
- FREIRE,P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo:Paz e Terra, 1996.
- GRISI, R. **Didática mínima**. 3º ed. São Paulo: Nacional, 1971.
- HOFFMANN, J. M.L. **Avaliação - Mito e desafio:uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação,2005.
- MANTOAN M. T. E. **Compreendendo a Deficiência Mental: novos caminhos educacionais**. Scipione, 1989.
- MILANEZ,S.G.C.DI:conhecimentos para uma prática educacional inclusiva.In:OLIVEIRA.A. A.S;OMOTE.S;GIROTO,C.R.M. **Inclusão Escolar:as contribuições da Educação Especial**.São Paulo:Cultura Acadêmica; Marília:Fundepe,2008.cap.3,p.45-63.
- MITTLER,P. **Educação inclusiva:contextos sociais**. Trad.Windy Brazão Ferreira. Porto Alegre:Artmed,2003.

OLIVEIRA,A.A.S. Adequações Curriculares na área da DI:Algumas Reflexões.  
In:OLIVEIRA.A. A.S;OMOTE.S;GIROTO,C.R.M. **Inclusão Escolar**:as contribuições da Educação Especial.São Paulo:Cultura Acadêmica; Marília:Fundepe,2008.cap.8,p.130-154.

OMOTE,S. Diversidade,Educação e Sociedade Inclusiva.In:OLIVEIRA.A. A.S;OMOTE.S;GIROTO,C.R.M. **Inclusão Escolar**:as contribuições da Educação Especial.São Paulo:Cultura Acadêmica; Marília:Fundepe,2008.cap.1,p. 15-32.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul,2000.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY,L.S.**Fundamentos de defectologia**.Habana: Pueblo, 1989.